

Brasília e as migrações

19 NOV 1993

CORREIO BRAZILIENSE

Desde o anúncio da construção de Brasília, trabalhadores de todos os estados brasileiros para aqui acorreram, certos de que os canteiros de obra, em funcionamento ininterrupto, os absorveriam e lhes proporcionariam meios para uma vida melhor. De fato, boa parte dos candangos empenhados na tarefa ciclópica de erguer uma cidade moderna destinada a ser a capital da República fixou-se no território do novo Distrito Federal. Alguns tiveram de seguir adiante ou de retornar a seus plagos, pois, inaugurada, Brasília deixou de interessar a seus projetos ou não mais pôde oferecer-lhes ocupação.

Apesar disso, o movimento migratório rumo ao DF jamais cessou. Daí surgiram as chamadas "invasões", como a do IAPI, próxima ao Núcleo Bandeirante, cuja solução só foi possível com a criação da Ceilândia, no início da década de 70.

Outras, no entanto, se instalaram nos mais diversos pontos do Distrito Federal, e não cessaram as atividades governamentais para assentar suas populações, caso determinante da construção de Samambaia.

E, para muitos brasileiros, a capital continua a ser um Eldorado, embora não tenha ela condições de propiciar-lhes algo de definitivo. Resta, assim, às autoridades a alternativa de promover sua volta aos estados de origem, segundo o procedimento do Centro de Apoio Social, que no momento ajuda mais de 250 migrantes a retornarem a seus estados.

Não se trata de fechar Brasília a cidadãos de outras plagas, e, sim, de uma ação calcada na realidade e de sentido humanitário, em conformidade com o espírito que preside o trabalho da Fundação do Serviço Social.